

(2010) **MARIA ARMANDA SANTOS, *A SETE PASSOS DE TI***.
LISBOA, CHIADO EDITORA.

Paula Alexandra de Sousa Cotter Cabral – Escola Secundária Vitorino Nemésio. Rua Comendador Francisco José Barcelos. 9760-434 Praia da Vitória.

A sete passos de ti marca a estreia de uma jovem escritora terceirense, natural do Porto Martins, Praia da Vitória, actualmente a estudar Direito em Lisboa.

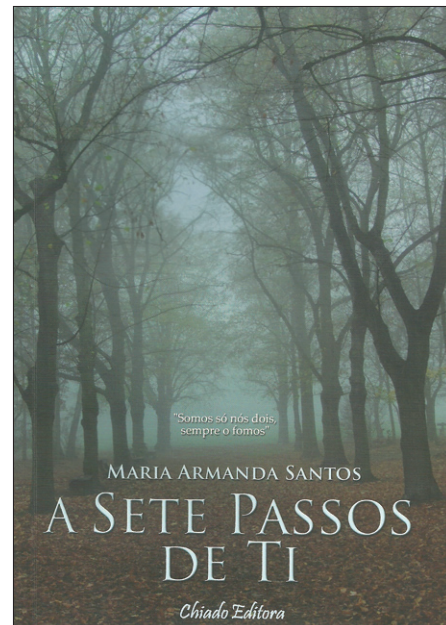
A obra, desenvolvida sob a égide do número sete, constrói-se intercaladamente entre catorze capítulos, apresentados por um narrador heterodiegético, e o discurso epistolar de cariz intimista presente nas sete cartas da protagonista a Rodrigo.

Alice e Rodrigo constituem, deste modo, o cerne diegético desta novela que remete o leitor para uma partilha de dor, de felicidade, de angústia, de nostalgia e de um Amor sublime. Embora esta não seja a sucessão evidenciada cronologicamente na narrativa, importa salientar o crescendo emocional e sentidamente dramático que se acompanha ao longo da acção.

Alice é, assim, uma jovem que vive tranquila, no seio de uma família abastada. Diana e Filipe Sobral comungam de um casamento, cujos adornos exteriores ofuscam a real e penosa intimidade do casal. São, por isso, frequentes os indícios deixados no texto, através de palavras e gestos

que confirmam a iminente fragmentação desta família.

A partir do segundo, os capítulos organizam-se em analepse, com avanços e recuos temporais, revelando diferentes eventos da família Sobral exemplarmente cotejados com um álbum de recordações de Alice. Passa-se pela infância, pelos quinze anos, pela entrada na vida adulta e daí surge a revelação das circunstân-



cias opressoras de uma vida construída sobre fundações pouco sólidas. Apenas Rodrigo se apresenta como o porto seguro que sustenta a paz interior de Alice.

O capítulo três, descreve o regresso de Manuel, carinhosamente Manny, irmão mais velho de Alice que se torna o seu confidente e o seu suporte afectivo. Ao longo da história, Manny desempenhará um papel relevante enquanto pilar emocional da irmã. A partida, legitimada pelos estudos em Itália, é a camuflagem perfeita para os verdadeiros motivos do afastamento de Manuel. No desenrolar da acção, o leitor toma conhecimento das razões que levaram Manny a mudar-se para casa dos tios.

Voltando à escritora, Maria Armada funde um discurso emotivo/descritivo com uma visão plurifacetada do real, criando uma imagem mimética da sociedade contemporânea. Apesar de algumas inconsistências lógico-contextuais, naturalmente justificadas pelo recente enveredar nas lides da criação ficcional, a autora revela uma escrita consciente, idealizada e a caminho da maturidade, na qual se exploram temáticas intemporais, como: a perda, as formas de violência, a dor da separação, a angústia da solidão, a quebra dos laços fraternais e, sobretudo, a experiência do Amor. Da linguagem, destacam-se os contrastes pictóricos, perspectivados em

espaços e/ou em estações do ano que se deixam configurar pelo nosso imaginário (é o caso da cidade de Londres, por exemplo), convertidos em imagens recortadas do real (representado) e trabalhados através de pinceladas impressionistas que deixam sobressair tonalidades, brilho, luz, som e movimento: «O Inverno tinha deixado Londres totalmente branca. [...] O gelo impossibilitava a passagem dos automóveis e as escadas desapareciam no meio do frio. As cores dos edifícios desvaneciam-se, tornando imperceptível a sua distinção [...]» (p. 49).

Quanto ao fio condutor da história, a esperança onírica num regresso impossível poderia ser a síntese dos elementos estruturantes desta narrativa, cujo compasso é marcado pelas palavras: «somos só nós, sempre fomos». Esta expressão, que encerra as primeiras seis cartas de Alice a Rodrigo, estabelece a cadência na ligação íntima do jovem casal.

Apenas a sétima e última carta, que simultaneamente constitui o culminar da obra, apresenta uma variação: «Fomos, somos e continuaremos a ser só nós, num sonho, num mundo que nunca termina». Passado, presente e futuro confluem, assim, numa unidade de vivências do Amor que se perpetuará no infinito espaço-temporal. Logo, nesta narrativa, a recorrência do número sete (e da simbólica que

lhe está associada) parece encontrar, no encerramento de um ciclo, a oportunidade para um novo começo, o princípio de uma vida – *a sete passos de ti*.

Almeja-se, agora, pela continuidade da escrita desta autora que conseguiu concretizar uma de muitas etapas promissoras da sua vida. Neste sen-

tido, citando Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, in *Dicionário dos símbolos*, sublinha-se que: «o sete comporta uma ansiedade pelo facto de indicar a passagem do conhecido para o desconhecido: um ciclo encerrou-se, qual será o seguinte?». PAULA

COTTER CABRAL

